

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
CURSO DE GEOGRAFIA: LICENCIATURA PLENA**

PRISCILA MARA DANTAS

FLÁVIO DE OLIVEIRA

ELIENE SANTOS SILVA

ARTIGO CIENTÍFICO

**CARACTERIZAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO POVOADO
BOM JESUS, LOCALIZADO NO ESTUÁRIO DO RIO
SERGIPE, MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS-SE.**

**ORIENTADORA:
Prof. Dr^a. ARACY LOSANO FONTES**

**ARACAJU
2007**

PRISCILA MARA DANTAS

FLÁVIO DE OLIVEIRA

ELIENE SANTOS SILVA

**CARACTERIZAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO POVOADO
BOM JESUS, LOCALIZADO NO ESTUÁRIO DO RIO
SERGIPE, MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS-SE.**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Geografia
como um dos pré-requisitos de avaliação da disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso

ORIENTADORA:

Prof. Dr^a Aracy Losano Fontes

Aracaju
2007

CARACTERIZAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO POVOADO BOM JESUS, LOCALIZADO NO ESTUÁRIO DO RIO SERGIPE, MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS-SE.

DANTAS, Priscila Mara,

priscilaaloha@hotmail.com

OLIVEIRA, Flávio de

flavio_aracaju@hotmail.com

SILVA, Eliene Santos

nenageografia@yahoo.com.br

FONTES, Aracy Losano, (orientador)

Graduada em Geografia (Licenciatura e Bacharelado),

Mestra em Geociências (Geomorfologia) e Doutora em Geografia (Organização do Espaço), Profª do Curso de Geografia da Universidade Federal de Sergipe e

Profª do Curso de Geografia: Licenciatura Plena da Universidade Tiradentes.

aracyfontes@yahoo.com.br

RESUMO

As ocupações da população humana e instalações de indústrias às margens de rios e lagos têm trazido diversos problemas, notadamente à exaustão dos recursos naturais e diminuindo a qualidade ambiental, com risco à integridade dos ecossistemas. O estuário do rio Sergipe vem sofrendo processos de degradação do ambiente, que necessitam ser analisados, a partir de comunidades que convivem diretamente com a natureza. O presente trabalho tem como

objetivo principal realizar os aspectos sócio-ambientais do estuário do rio Sergipe, levando em conta a população que vive a base da pesca na comunidade Bom Jesus, Município de Laranjeiras-SE. No primeiro momento fez-se o levantamento bibliográfico, no segundo momento reconheceu-se a área de estudo, além da aplicação de questionários semi-estruturado e conversas informais com pescadores artesanais e comunidade; em termos qualitativos aplicamos análises de base empírica em nível microssocial – com fotodocumentação, revelando uma compreensão mais aproximada do modo de vida do pescador artesanal, visando caracterizar a estrutura da comunidade ribeirinha e avaliar as interferências humanas no ambiente. A pesquisa demonstrou que o ambiente estudado apresenta elevados níveis de degradação, que se traduzem em perda de qualidade ambiental devido à presença de indústrias têxteis, monoculturas, produção do açúcar, fábrica de uréia, lixo doméstico, ações sobre o manguezal, intensificação na exploração de peixes e crustáceos e a pouca conscientização ambiental da comunidade. Desta forma tais análises tornam-se imprescindíveis a partir do momento em que as ações antrópicas são os primeiros agentes degradantes sobre os recursos naturais, neste caso as populações ribeirinhas são as que mais sofrem por estarem numa relação direta com a natureza.

Palavras-chave: estuário do rio Sergipe; pescadores artesanais; condições ambientais.

1 INTRODUÇÃO

No vasto período que vai do século XVIII ao início do século XX, ocorreu no Brasil a formação de várias comunidades litorâneas cujos membros viviam, sobretudo ou parcialmente, da atividade pesqueira. Essas pequenas comunidades pesqueiras surgem a partir da falência dos ciclos econômicos, e muitos trabalhadores na busca pela sobrevivência buscam a exploração dos recursos naturais.

Hoje se percebe a importância dessas comunidades seja no âmbito social, econômico, ou cultural, pois suas experiências revelam formas sustentáveis de vida no mundo onde o crescimento urbano e da industrialização se superpõe as atividades econômicas tradicionais.

Nosso país possui uma extensa faixa litorânea, banhado por grandes rios e uma das maiores áreas de manguezais do mundo. Esses ambientes possuem vegetais microscópicos que estão na base da cadeia alimentar de uma série de animais do litoral, e são consideradas áreas vitais para o nosso planeta. Os manguezais são ecossistemas que ficam nas regiões de estuários, faixa de transição entre o ambiente marinho e terrestre. É habitada por espécies de vegetais típicas de ambientes alagados, resistentes a salinidade.

Nesse ecossistema costeiro vivem os pescadores artesanais que mantêm contato direto com o ambiente natural, trabalham sozinhos ou com a família na exploração dos ambientes ecológicos localizados próximos aos estuários e possuem um conhecimento acerca da utilização dos recursos naturais que lhes garantem a sobrevivência, sendo que sua produção é destinada, total ou parcialmente, para as feiras livres onde é comercializada.

A bacia do rio Sergipe teve sua ocupação, a partir de 1594, com a lavoura da cana de açúcar, transformando a região na mais rica do Estado mas, é no século XVII que a pecuária ocupou as margens do rio Sergipe e seus afluentes.

A considerada produção de açúcar na verdade é quem deu ao vale do rio Sergipe uma posição destacada na economia sergipana. Hoje, a realidade dos vales do rio não é diferente, existe o desmatamento da vegetação nativa e mata ciliar para grandes plantações de cana-de-açúcar.

O objetivo principal do presente trabalho é analisar os aspectos socioambientais do povoado Bom Jesus, localizado no estuário do rio Sergipe, município de Laranjeiras.

Nesse estudo de caso pretendeu-se desenvolver, junto aos pescadores, suas percepções a cerca da qualidade e conscientização ambiental e do prejuízo das perdas naturais causadas pelos impactos ao meio ambiente

Para tanto, partiu-se da hipótese de que os mesmos estão vivenciando um processo crescente de exclusão e pauperização em virtude da degradação do ecossistema aquático do rio Sergipe associado à não intervenção do poder público e da sociedade civil.

No primeiro momento fez-se o levantamento bibliográfico, cartográfico e documental sobre a área de estudo. A pesquisa de campo foi desenvolvida com os pescadores artesanais locais e famílias que residem no povoado, aproximadamente, há 30 anos. Alguns são cadastrados em associações de pescadores e conhecedores da história local.

A pesquisa empírica constam de reconhecimento da área de estudo, participação em reuniões comunitárias, além de aplicação de questionários semi-estruturados e conversas informais com 10 pescadores artesanais e a comunidade, que com suas histórias de vida

revelaram seu cotidiano, sua cultura e a sabedoria local para com o uso da natureza. Também foram utilizados os resultados da pesquisa feita pela Petrobrás, em maio de 2007, que abrangeu um total de 260 moradores do povoado Bom Jesus

Em termos qualitativos, os instrumentos de coleta adequados para a pesquisa, no segundo momento, foi a análise de base empírica em nível microsocial – com fotodocumentação, revelando uma compreensão mais aproximada do modo de vida do pescador artesanal, pelo fato dessa atividade estar estreitamente vinculada ao mundo natural.

A área de abrangência deste estudo compreende o povoado Bom Jesus localizado no baixo curso do rio Sergipe, no município de Laranjeiras, na divisa ao norte com Riachuelo e Maruim; e a leste com Santo Amaro e Nossa Senhora do Socorro (FIGURA 2). O município de Laranjeira pertence à Mesorregião do Leste Sergipano e integra a Microrregião do Baixo Cotinguiba.

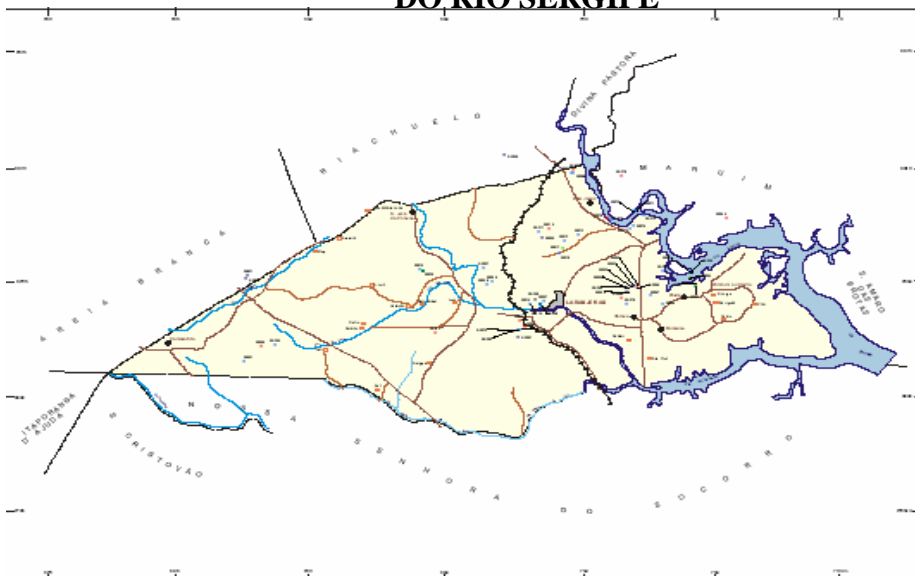
Nesse contexto, destaca-se a comunidade de pescadores artesanais que vive à margem do estuário do rio Sergipe, localizado a noroeste do município de Laranjeiras/SE. Vivem em meio ao ecossistema manguezal na exploração dos recursos naturais principalmente peixes, camarões, sururu e ostra, entre outros mariscos. No povoado ocorre intensa atividade pesqueira, na qual o produto final é fonte de alimento e renda para as famílias locais, dos pescadores, que executam a pesca diariamente e transmitem aos jovens o conhecimento sobre a atividade.

FIGURA 1 - MAPAS DE LOCALIZAÇÃO – BRASIL - SERGIPE



FONTE: CPRM/2002

FIGURA 2 - MAPA DE MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS - ESTUÁRIO DO RIO SERGIPE



FONTE: CPRM/2002

FIGURA 3 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO POVOADO BOM JESUS



FONTE: CPRM, 2007

2 ESTUÁRIO E IMPACTO AMBIENTAL

No estuário do rio Sergipe, embora os manguezais estejam adaptados para se desenvolverem sob condições de elevadas temperaturas, há certas situações, tanto naturais quando induzidas pelas ações do homem, que lhes são extremamente vulneráveis. De acordo com Suguio (1980 p. 363).

Os estuários são corpos de água rasa e salobra, situados na desembocadura de vales fluviais afogados. Portanto os estuários podem ser considerados como evidência de submergência do continente ou de elevação do nível do mar...é caracteristicamente submetido a influência da maré.

No ecossistema estuarino os manguezais protegem a linha de costa da invasão das marés bem como retêm nutrientes, pois, nesse ambiente ocorrem a reprodução e o crescimento da maioria das espécies marinhas. Isso explica de certa forma, a grandeza desse ecossistema que possibilita a pesca artesanal para sobrevivência de muitas famílias ribeirinhas através de práticas tradicionais, a partir de culturas locais passadas de geração em geração.

Ainda possuem grande beleza paisagística e abrigam um complexo ecológico formado por diversas espécies da fauna e da flora, onde se destacam as espécies de mangues amplamente adaptadas as condições de solo (salino e lamoso).

Os manguezais são sistemas ecológicos localizados na interface dos meios marítimo, fluvial e terrestre, na faixa de fluxo e refluxo das marés, junto aos estuários, nos baixos cursos fluviais. São eles formados em torno de enseadas ou de calmas baías, onde terminam os estuários fluviais, bem como para o interior do litoral, ao redor de lagos ou de brejos halofitos também se formam os manguezais. (SOUZA apud FERNANDES, 1990, p. 275).

Os principais impactos sobre os estuários estão diretamente ligados aos efluentes líquidos e sólidos lançados pelas indústrias químicas, petroquímica e indústria de tecido.

Outras fontes poluidoras são as usinas de açúcar e álcool que lançam o vinhoto no rio, as grandes plantações de cana-de-açúcar e a conseqüente destruição da mata ciliar, que neste caso a responsabilidade fica por conta das destilarias.

A questão sobre preservação dos recursos naturais mereceu destaque nas principais conferências sobre o meio ambiente: O relatório de Meadows, como marco na preocupação dos problemas do meio ambiente; a Conferência de Estocolmo 1972, representando a coroação do movimento ambiental; a Conferência do Rio de Janeiro em 1992, que traduziu os problemas ambientais em um plano de ação: Agenda 21 do ponto de vista do desenvolvimento sustentável.

Segundo Sirvinskas (2006 p.200) “a poluição hídrica é a degradação da qualidade ambiental resultante de atividades que direta ou indiretamente lance material ou energia nas águas em desacordo com os padrões ambientais estabelecidos”.

O CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente, em sua Resolução 001 (23/01/86), define impacto ambiental como qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causadas por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas [...]

Observa-se que o conceito de impacto ambiental, de acordo com esta concepção, tem uma forte conotação antropocêntrica, dado que está fundamentado nos efeitos das ações humanas sobre os ecossistemas e sobre a própria sociedade e sua economia. Neste contexto observa-se um processo direto de causa e efeito, sendo que a sociedade produz alterações na dinâmica natural que, a partir de “efeitos negativos”, retornam sobre ela mesma provocando impactos variados. Neste caso, as situações de risco estão ligadas diretamente às próprias atividades humanas, e os impactos se configuram na manifestação e repercussão dos riscos sobre os grupos humanos.

O alto curso do rio caracteriza-se por uma irregularidade climática, ou seja, região de clima Megatérmico Semiárido e suas precipitações anuais estão em torno de 663 mm a 847 mm. Sendo constituído em todo alto curso, por terrenos do embasamento cristalino que trazem reflexo ao escoamento superficial, apresentando um escoamento, predominantemente, temporário.

Em direção ao médio curso nota-se a presença de afluentes, geralmente com caráter de perenidade devido a maior abundância e regularidade das chuvas. Aí ocorrem os climas Megatérmico Subúmido Seco e Megatérmico Subúmido.

O trecho estudado localiza-se no baixo curso, na porção norte do município de Laranjeiras, de clima Megatérmico Subúmido Úmido, que é ocupada por sedimentos mesozóicos da Bacia de Sergipe, relacionados às formações Cotinguiba e Riachuelo e Grupo Barreiras (areias finas e grossas com níveis argilosos e conglomeráticos), e por depósitos aluvionares, coluvionares, de pântanos e mangues atuais.

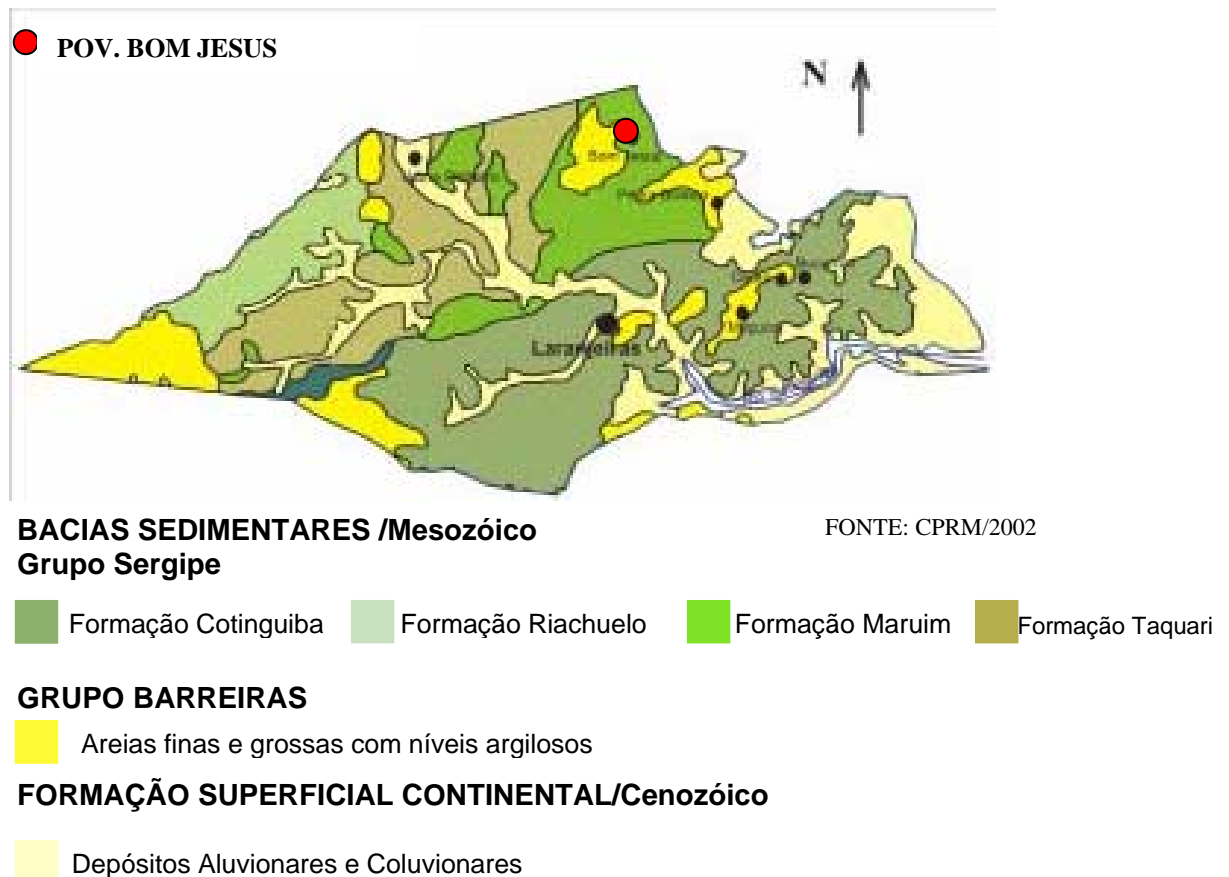
A formação Cotinguiba aflora com o membro Sapucari (Kcsp), sendo constituído de calcário verde e creme, maciço ou estratificado. A formação Riachuelo aparece com os membros Taquari (Krt), Maruim (Krm) e Aguilhada (Krag), de idade do Cretáceo Inferior.

Os afloramentos do membro Taquari ocorrem na margem direita do rio Sergipe (município de Riachuelo), entre as falhas da Fazenda do Sapé e rio Cotinguiba.

O grupo Barreiras (Tb) de idade plio-pleistocênica, está constituído por clásticos continentais de cores variadas. Na região estuarina seus afloramentos ocorrem, principalmente, na margem direita do rio Sergipe, de forma dissecada em colinas de topo plano.

Na localidade estudada é preciso que se compreenda suas características geoambientais e, também, sua grande importância ecológica pela diversidade natural.

FIGURA 5 – MAPA GEOLÓGICO DO MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS



2.2 ATIVIDADES ECONÔMICAS NO MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS

Dentre as atividades econômicas mais importantes no município de Laranjeiras destacam-se: a monocultura da cana-de-açúcar, a produção de coco, exploração de petróleo, indústria de uréia e a retirada de areia lavada. Além dessas ocorre, também, a pesca artesanal, que se desenvolve tanto nos rios, como na zona estuarina.

No sistema pesqueiro artesanal, captura-se um elevado número de espécies. Os registros estatísticos desta produção tornam-se precários, por causa da não concentração dos pequenos desembarques e a identificação das espécies capturadas, fundamentadas em nomes vulgares que abrangem diferentes espécies numa mesma área, ou então, a atribuição de vários nomes vulgares a uma mesma espécie, sem falar no complicador adicional da diversidade cultural das populações ribeirinhas.

A exploração dos rios da bacia do rio Sergipe e o adensamento populacional, sobretudo nos estuários, têm gerado consequências negativas ao meio ambiente, estando fundamentada nos efeitos das ações humanas sobre os ecossistemas e sobre a própria sociedade e sua economia. Neste contexto observa-se um processo direto de causa e efeito, sendo que a sociedade produz alterações na dinâmica natural que estão ligadas, diretamente, às próprias atividades humanas.

3 O POVOADO BOM JESUS: Condicionantes sócioambientais

A preocupação com os problemas sociais e ambientais decorrentes dos processos de crescimento populacional e as conseqüentes ocupações desordenadas no ecossistema manguezal, deu-se de maneira lenta e de modo diferenciado, numa evolução que seguiu diferentes etapas.

A nova maneira de perceber as soluções para os problemas globais e locais não se reduz apenas à degradação do ambiente físico e biológico, mas deve ser considerada do ponto de vista socioambiental, que envolve dimensões ecológicas, sociais, econômicas e culturais, o que vem sendo chamado de desenvolvimento sustentável. Esse modelo de desenvolvimento consiste em satisfazer as necessidades das populações, sem por em risco as perspectivas de gerações futuras.

Partindo de uma perspectiva local para entender o cotidiano socioeconômico de comunidades, e as interações com o meio ambiente, destaca-se à comunidade Bom Jesus, localizada no noroeste da sede municipal de Laranjeiras.

No povoado Bom Jesus uma extensa faixa de vegetação de manguezal, ocupa a região estuarina e representa um elo entre os ecossistemas marinho e terrestre. O ecossistema manguezal atua como um filtro natural para sedimentos e poluentes e serve para a reprodução de centenas de espécies de peixes e crustáceos.

Segundo pescadores locais a comunidade tem como base da economia local a pesca artesanal de mariscos como: sururu, siri, ostra, caranguejo, camarão e os peixes mais encontrados são o rubalo, curimã, bagre e tainha, como se observa no resultado da pesquisa de campo (TABELA 1).

TABELA 01 - PESCADOS

PESCADOS	NÚMERO DE ENTREVISTADOS	%
MARISCOS	8	80%
PEIXE	2	20%
TOTAL	10	100%

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

No trecho utilizado pelos pescadores o rio Sergipe alcança uma largura de 350m e profundidade de 2,5m na baixamar, e 4 a 5m na preamar, garantindo a sobrevivência de famílias ribeirinhas.



FONTE: Pesquisa de Campo, 2007 – Rio Sergipe.

De acordo com o levantamento realizado com a liderança da Colônia de Pescadores, em Aracaju-Se, constatou-se que no povoado Bom Jesus apenas 30 famílias cadastradas vivem totalmente da pesca artesanal. Essa informação não estabelece com precisão o número de pescadores na localidade, pois observa-se um número maior de pessoas que sobrevivem com a pesca e comercializam na capital do estado e municípios vizinhos.

Nas entrevistas realizadas constatou-se que do universo pesquisado, ou seja, dos 10 pescadores entrevistados, 6 são cadastrados na colônia de pescadores de Aracaju-Se, garantindo uma renda no período do defeso de caranguejos e camarões.

TABELA 02 – CADASTRO DOS PESCADORES

CADASTRAMENTO	NÚMERO DE PESCADORES	%
SIM	60	60%
NÃO	40	40%
TOTAL	10	100%

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Os seus instrumentos de trabalho são rudimentares, trabalhando sozinhos e/ou utilizam mão-de-obra familiar, não assalariada, em ambientes ecológicos localizados próximos às margens do rio Sergipe ou na linha de costa.

A população desenvolve mecanismos de sobrevivência em meio a possíveis dificuldades sociais, econômicas e influências naturais. Para responder essa questão, é necessário considerar que o pescador tem uma forma própria de fixação à terra com a família e uma forma distinta de definir seu espaço de trabalho. A primeira está mais fortemente condicionada aos fatores ambientais e econômicos.

Na comunidade estudada sua relação de dependência natural pode ser considerada alta, porque são escassas as oportunidades de empregos, na cidade ou no campo, para os membros em idade ativa. Resta a pesca como alternativa, mas a rentabilidade é precária para o provimento de condições mínimas de sobrevivência. A mulher é quem exerce a atividade econômica, na maioria das vezes dando suporte a atividade do homem. Por isso a pesca atividade é importante para reprodução do grupo social como um todo.

A renda familiar de 1 a 2 salários mínimos somam 54,8%. É importante destacar as famílias que não possuem renda e menos de um salário mínimo, que somados equivalem a 40,2% do total, refletindo no grau de pobreza da comunidade (TABELA 03).

TABELA 03 - RENDA FAMILIAR

Renda total	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Sem renda	45	17,2
menos de 1 salário mínimo	60	23,0
de 1 a 2 salários	143	54,8
mais de 2 a 3 salários	10	4,2
mais de 3 a 5 salários	2	0,8
mais de 5 salário		0,0
total	260	100,0

FONTE: Petrobrás, 2007.

Essa comunidade que tem na pesca seu meio de vida principal apresenta, de maneira geral, características socioeconômicas que permitem considerá-lo como possuidora de uma inserção social vulnerável, isto é, correndo o risco de completa exclusão social.

Na comunidade ocorre uma homogeneidade advinda da pobreza refletindo, portanto, a estrutura segregacionista que é típica do país. Ao viverem na periferia da zona urbana é de esperar que se distinguisse dos demais pobres na precariedade material que sua existência cotidiana denuncia pela moradia. Na comunidade do Bom Jesus, segundo a Petrobrás(2007), 21,7% das moradias são de barro, construídas através da tapagem.

TABELA 04 - HABITAÇÃO

Tipo de moradia	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Alvenaria	206	78,3
Madeira		0,0
Barro	54	21,7
Papelão		
Outros		0,0
Total	260	100,0

FONTE: Petrobrás, 2007.

MORADIAS



FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Nas famílias dos pescadores, por estarem distantes da sede do município, nota-se a precariedade de serviços e o viver. Nos limites entre o mundo urbano e o rural, não podem evitar a exposição ao conjunto de valores subjacentes ao modo de vida da cidade, embora suscetíveis de não encontrar correspondência entre os desejos e a possibilidade de concretizá-los.

O pescador quando é analfabeto, não consegue compreender muitas das normas sociais e nesse aspecto, a sustentabilidade econômica da profissão está em conflito. A limitada capacidade de ler age como uma barreira à capacidade de contrapor-se, defender-se e ampliar a representação política (TABELA 05).

TABELA 05 - ESCOLARIDADE

Escolaridade	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Não frequentou a escola	33	12,6
Ens Fundamental Incompleto	144	55,7
Ens Fundamental Completo	17	6,5
Ens Médio Incompleto	30	11,5
Ens Médio Completo	30	11,5
Ensino Superior Incompleto	1	0,4

Ensino Superior Completo	5	1,9
Outros		0,0
Total	260	100,0

FONTE: Petrobrás, 2007.

A educação escolarizada do filho é vista pelos chefes de família como contraposição sadia em relação ao saber tradicional e construído empiricamente pela pesca, servindo para negá-la em sua instrumentalidade diante da vida produtiva e social. Na comunidade destaca-se que 55,7% possuem ensino fundamental incompleto, seguido daqueles que nunca freqüentaram a escola, ou seja, não alfabetizados.

Percebe-se que a grande maioria, 63,1% da comunidade, tem uma relação de vida e prazer com o lugar, pois afirmam gostar de seu lugar e costume local mesmo convivendo com suas dificuldades econômicas e sociais, o que representa a identidade construída a partir do lugar, do cotidiano, e suas relações sociais presentes na comunidade.

TABELA 06 - IDENTIDADE CULTURAL

	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Sim	166	63,1
Mais ou menos	72	27,4
Não	22	9,5
Total	260	100,0

FONTE: Petrobrás, 2007

Segundo Correa (2003), a cultura é vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada.

“A cultura, por outro lado ainda, se é considerada como sendo o conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores, este conjunto, entretanto, é entendido como sendo parte do cotidiano e cunhado no seio das relações sociais de uma sociedade de classe, (MITCHELL apud CORREA, 2003, p. 13).”

Se o rio e o manguezal constituem espaços de cultura, isso se deve muito a opção ocupacional do chefe de família, o pescador. Quando os mais jovens não projetam essa atividade artesanal para si, perde a ligação com o lugar. A produção material e simbólica dos jovens remete ao centro urbano, e ajuda a fomentar a partida da nova geração.

No Brasil, a experiência de modelo de gestão participativa da pesca ainda é incipiente, embora transpareça que os pescadores compreendem aspectos importantes tanto das limitações quanto das respostas que ajudariam a superar o momento atual de degradação sócio-ambiental.

De acordo com a percepção da comunidade em seus depoimentos:

“naquela época pouca gente pescava...hoje a maioria peca pra vender. A FAFEM polui e diminuiu...” (Luci dos Santos, 74 anos, pescadora artesanal, Bom Jesus, SE)

“acabou o caranguejo há 15 anos tirava 50 a 60 cordas de caranguejo... a poluição matou os caranguejo... pegava dois baldes de 20kg de sururu, hoje pego 2kg. A Usina Pinheiro joga caxixe e mata peixe e caranguejo...” (Maria Eduarda Santos, 80 anos, pescadora cadastrada na Colônia de Pescadores, Bom Jesus, SE)

“aumentou a população e pescadores... e a poluição da FAFEM que joga amônia...” (Maria Laurita dos Santos, 47 anos, pescadora artesanal, Bom Jesus, SE)

“devido as águas do rio contaminada...contaminado, lixo, a Petrobras polui o rio... e os mariscos morre.” (Maria Lúcia Batista Porto, 58 anos, pescadora cadastrada na Colônia de Pescadores, Bom Jesus, SE)

“o sururu diminuiu porque jogam drogas na maré...” (Maria da Conceição de Jesus, 80 anos, marisqueira, Bom Jesus, SE)

“diminuiu pela poluição das fábricas...a Pinheiro, a FEFEM, e a de tecido que quando chove joga tinta no rio...” (Maria Helena dos Santos, 53 anos, pescadora cadastrada na Colônia de Pescadores, Bom Jesus, SE)

Esses relatos revelam aquilo que o debate internacional sobre gestão ambiental tem enfatizado, isto é, a importância crescente da comunidade civil na definição de princípios para o uso sustentável dos recursos naturais. Sendo assim a comunidade participativa pode propor idéias de preservação e conservação do meio ambiente, pois está diretamente necessitando desses recursos para sobreviver nos moldes artesanais e garantindo um ecossistema em equilíbrio.

De acordo com os entrevistados, enfrentam problemas com a água que consomem, pois dependem do sistema comunitário de abastecimento em 22,4%, apesar de que 56,3 são abastecido pela rede pública.

TABELA 07 – ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Tipo de abastecimento	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Rede pública	145	56,3
Rede comunitária	59	22,4
Poço / cisterna	24	9,1
Bicão		0,0
Rio ou nascente	6	2,3
Carro pipa	13	4,9
Não há abastecimento	12	4,6
Outros	1	0,4
Total	260	100,0

FONTE: Petrobrás, 2007.

Nas proximidades da fábrica de uréia FAFEM-Petrobrás, que utiliza como matéria-prima a amônia, as comunidades circunvizinhas sofrem quando ocorre vazamento, pois causa problemas respiratórios nas crianças. O ar da localidade torna-se insuportável para respirar, o

que causa insatisfação da comunidade com a sua qualidade. Esse quadro crítico é revelado, na tabela 08, de acordo com os dados da Petrobrás (2007) uma vez que 50,8% da comunidade entrevistada acreditam que a qualidade do ar é ruim.



FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

TABELA 08 – QUALIDADE DO AR

	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Bom	46	17,7
Regular	71	27,3
Ruim	132	50,8
Não existe	2	0,8
Não sabe	9	3,5
Total	260	100,0

FONTE: Petrobrás, 2007.

A água é um elemento do meio ambiente, e trata-se de um bem corpóreo que integra o meio ambiente ecologicamente equilibrado.

“A água é um recurso natural limitado. Pensava-se anteriormente, que os recursos hídricos eram inesgotáveis, tendo em vista o aspecto cíclico da água. Tal limitação está relacionada com a poluição das bacias hidrográficas, com os escassos mananciais ainda existentes e o aumento do consumo pela poluição.” (SIRVINSKAS, 2006, p. 203)

TABELA 09 – QUALIDADE DA ÁGUA

Situação	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Filtrada	40	16,3
Fervida	3	1,1
Clorada	20	7,6
Sem tratamento	186	70,7
Outros	5	1,9
Não sabe	6	2,3
Total	260	100,0

FONTE: Petrobrás, 2007.

A comunidade do Bom Jesus destaca-se pela abundância hídrica, seja pelas águas superficiais ou subterrâneas, destacando grande volume de água do rio Sergipe, poços artesianos e fontes naturais. Mas o que ocorre, na realidade, é uma população carente no abastecimento de água com tratamento adequado. Na tabela acima verifica-se que 70% não recebem água tratada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência da prática de pesca artesanal na comunidade estudada demonstra que não somente os conhecimentos sobre o uso dos recursos naturais vêm sendo transmitido entre suas gerações, como também pode evidenciar características menos impactantes dos métodos de pesca artesanal, já que os resultados de campo demonstram que as populações de pescadores estudadas conseguem retirar do rio, a mais de 30 anos, o sustento de suas famílias.

A pesquisa demonstrou que a vegetação estuarina é exatamente rica em recursos aproveitáveis para a população local, entretanto encontra-se em risco de destruição, principalmente a poluição industrial e doméstica o que vem contribuindo para diminuição dos recursos pesqueiros, com reflexos nas condições socioeconômicas e, principalmente, na cultura local.

Desta forma tais análises tornam-se imprescindíveis a partir do momento em as ações antrópicas são os primeiros passos na geração de efeitos degradantes sobre os recursos naturais, como por exemplo, a ação de desmatamento dos mananciais e poluição hídrica, pois são as comunidades ribeirinhas as que mais sofrem com os efeitos negativos ao meio natural, por estarem numa relação direta com a natureza.

O conjunto de conhecimento teórico-práticos que os pescadores apresentam sobre sua sobrevivência, oferecem uma rica fonte de informação de como manejar, conservar e utilizar os recursos pesqueiros de maneira sustentável. Uma nova concepção de conservação da diversidade biológica tem que ser concebida em parâmetros mais amplos dos que tem sido até agora. Esses novos parâmetros incluem a conservação não só dos recursos naturais, onde se inclui os pesqueiros, mas também a conservação da diversidade cultural das populações locais.

A destruição do ecossistema manguezal reflete-se na diminuição da produtividade pesqueira e na qualidade de recursos hídricos. Portanto é crucial para geógrafos e ambientalistas preservarem as tradições extrativistas e culturais das comunidades que vivem da pesca artesanal e, com elas, os ambientes com os quais os pescadores dependem e convivem.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUERRA, Antonio Teixeira. Dicionário Geológico e Geomofológico. Ed. Bertrand. São Paulo, 2003.

PAIVA, Melquíades Pinto. Recursos Pesqueiros Estuarinos e Marinhos do Brasil. Ed. UFC, Fortaleza, 1997.

MENDONÇA, Francisco. Geografia e Meio Ambiente, 8ª ed. Editora Contexto. São Paulo, 2005.

SIRVINSKAS, Luís Paulo. Manual do Direito Ambiental. 4ª ed. Editora Saraiva. São Paulo, 2006.

FRANÇA, Vera Lucia Alves; CRUZ, Maria Tereza Souza.(Cord.). Atlas Escolar Sergipe: Espaço Geo-Histórico e Cultural. Ed. Grafset. João Pessoa, 2007.
2007

www.cprm.org.br. Acesso em 11/06/2007

www.fao.gov. Acesso em 11/06/2007